



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**ESBOÇO DE UM INVENTÁRIO LEXICAL DA CULTURA
AMAPAENSE**

MACAPÁ-AP
2015

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**ESBOÇO DE UM INVENTÁRIO LEXICAL DA CULTURA
AMAPAENSE**

Artigo apresentado ao curso de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Me. Luciano Magnus de Araújo.

MACAPÁ-AP
2015

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**ESBOÇO DE UM INVENTÁRIO LEXICAL DA CULTURA
AMAPAENSE**

Artigo apresentado ao curso de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Ciências Sociais.

Data: 24 /11 / 2015

Conceito: 10

BANCA EXAMINADORA

Professor Mestre Luciano Magnus de Araújo (Orientador)
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Professora Mestre Adriana Tenório da Silva (Avaliadora)
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Professora Mestre Sâmela Ramos da Silva (Avaliadora)
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

ESBOÇO DE UM INVENTÁRIO LEXICAL DA CULTURA AMAPAENSE

Romário Duarte Sanches¹
duarte.romrio@gmail.com

Orientador: Me. Luciano Magnus de Araújo²
lma3@hotmail.com

RESUMO: Este artigo objetiva elaborar um pequeno esboço de um inventário lexical da cultura amapaense, além de estabelecer discussões de cunho antropolinguístico sobre a inter-relação entre língua e cultura. Como suporte teórico adotamos os postulados de Geertz (1973), Biderman (1992; 2001), Fiorin (2008), Laraia (2009), Cardoso (2010) e entre outros autores que se ocupam de estudos culturais e dialetais. Para realização desta pesquisa, utilizamos os dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) que emprega o método da dialetologia, conhecida como geolinguística. Foram selecionados cerca de 80 itens lexicais que configuram traços culturais, distribuídos geograficamente e socialmente pelo estado do Amapá. Mediante aos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil, especificamente na Amazônia, são perceptíveis as contribuições que os dados dos atlas linguísticos fornecem a sociedade. São dados linguísticos riquíssimos que podem subsidiar pesquisas para inúmeras áreas do conhecimento, como a história, sociologia, geografia, lexicologia, antropologia e etc. Os dados fornecidos pelo projeto ALAP nos revelam a diversidade linguística e cultural do Amapá. Os itens lexicais inventariados mostram o estágio atual da diversidade linguística e cultural deixados pelos nossos antepassados, principalmente sob a influência das línguas indígenas, presentes em nosso vocabulário, como o uso de palavras, a saber: *mucura*, *igarapé*, *carapanã*, *mangará*, entre outras. A elaboração deste pequeno inventário lexical é uma forma de instigar novas pesquisas e contribuir para os estudos culturais e linguísticos no Amapá, uma tentativa de compreender e registrar a dinamicidade da língua enquanto traço cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Léxico. Diversidade linguística.

OUTLINE OF A LEXICAL INVENTORY OF AMAPA CULTURE

ABSTRACT: This article aims to develop a small lexical inventory of the Amapa culture, and to establish anthropological and linguistic nature of discussions about the interrelationship between language and culture. Theoretical support adopted the postulates of Geertz (1973), Biderman (1992; 2001), Fiorin (2008), Laraia (2009), Cardoso (2010) and among other authors dealing with cultural and dialect studies. For this research, we used data of the project Atlas Linguistic of Amapa (ALAP) employing the method of dialectology, known as geolinguistic. Were selected a total of about 80 lexical items that shape cultural traits geographically and socially distributed by the state of Amapa. By the dialectal and

¹ Acadêmico do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor efetivo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

geolinguistic studies in Brazil, specifically in the Amazon, are noticeable contributions that data from linguistic atlases provide society. Are linguistic data very rich that can support research for numerous areas of knowledge such as history, sociology, geography, lexicology, anthropology, etc. Data provided by project ALAP reveal the linguistic and cultural diversity of Amapa. The lexical items inventoried show the current state of linguistic and cultural diversity left by our ancestors, mainly under the influence of indigenous languages in our vocabulary, the use of words such as: *mucura*, *igarapé*, *carapanã*, *mangará* and etc. The preparation of this small lexical inventory is a way to instigate new research and contribute to the cultural and linguistic studies in Amapa, an attempt to understand and record the dynamics of language as a cultural trait.

KEYWORDS: Culture. Lexicon. Linguistic diversity.

1 INTRODUÇÃO

Sob o enfoque do paradigma funcionalista, a língua é concebida como reflexo da sociedade. Ela só pode ser analisada se considerarmos o meio no qual está inserida. Historicamente, a língua era concebida como objeto de estudo da antropologia e somente no século XX começa a ser tratada como objeto específico da linguística.

Na verdade, percebe-se que a língua pode ser objeto de pesquisa de diferentes ciências, dependendo do olhar dado por cada área. Neste estudo, concebemos a língua enquanto traço cultural, pois é por meio dela que os sujeitos explicitam o mundo que o cerca, revelando suas crenças e seu modo de pensar sobre a vida, ou seja, a língua revela as culturas de um povo.

O objetivo central deste trabalho é elaborar um esboço de um inventário lexical da cultura amapaense, além de estabelecer discussões de cunho antropolinguístico sobre a inter-relação entre língua e cultura. A pesquisa justifica-se pela carência de trabalhos, na região, de tal natureza; e também como uma forma de instigar novas pesquisas no intuito de contribuir para os estudos culturais e linguísticos no Amapá; além de tentar compreender a dinamicidade da língua enquanto traço cultural.

O trabalho se divide em seis seções. Na primeira, apresenta-se a pesquisa, parte introdutória. Na segunda, situa-se, brevemente, a formação histórica e sociocultural do estado do Amapá, que se inicia a partir do século XVIII com a criação de fortificações contra as invasões estrangeiras. Em seguida, comenta-se o desenvolvimento populacional ocorrido com as migrações advindas de outros estados brasileiros em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Após essa abordagem contextual da história do Amapá, passamos para as discussões teóricas, tratando sobre a intersecção de áreas do conhecimento como a antropolinguística, dialetologia e geolinguística. Situaremos cada área, com seus respectivos objetos de estudo, métodos e contribuições para o avanço científico.

A quarta seção, busca-se inter-relacionar conceitos como cultura, diversidade cultural, diversidade linguística, além de fomentar discussões sobre as contribuições dos estudos lexicais como traço cultural de um povo.

A quinta seção, comenta-se sobre os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa, como a rede de pontos, o perfil dos informantes, o questionário utilizado e a delimitação do *corpus*. Neste sentido, a metodologia empregada foi a geolinguística, método que busca mapear e descrever os usos linguísticos de determinadas comunidades sociais. Ressalta-se também que os dados utilizados na pesquisa foram extraídos do projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (SANCHES; RIBEIRO, 2013). Daí a necessidade de se mostrar os principais objetivos do projeto e como vem sendo executado.

Na última seção, elaboramos um pequeno inventário lexical com cerca de 80 itens lexicais, baseados nos dados do ALAP, sobre diversos aspectos da cultura amapaense, como: fauna, alimentação e cozinha, comportamentos sociais, brincadeiras infantis e entre outros campos culturais.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL DO AMAPÁ

O Amapá foi um dos últimos estados brasileiros que teve sua incorporação legal tardia. De acordo com os dados IBGE (2010), atualmente, habitam em todo o estado cerca 750.000 habitantes, distribuídos em seus 16 municípios, sendo estes: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Vitória do Jarí, Pedra Branca do Amaparí, Serra do Navio, Porto Grande, Ferreira Gomes, Cutias, Tartarugalzinho, Amapá, Pracuúba, Itaubal, Calçoene e Oiapoque. O seu território é de 142.828,521 km², sendo delimitado pelo estado do Pará, a oeste e sul, pela Guiana Francesa a norte, o Oceano Atlântico a leste e o Suriname a noroeste.

A inclusão do território do Amapá ao Brasil começa em 1901, com o *Laudo Suíço*. A Suíça atuou como árbitro entre as disputas territoriais e diplomáticas (em especial pela disputa de ouro existente na região) da França e Brasil. Ao final foi decidido que o Brasil teria soberania sobre o território contestado.

Para Nunes Filho (2009) essas invasões e disputas pelo território amapaense são características comuns das raízes da formação amazônica. O interesse por produtos silvestres coletados ou cultivados em terras amapaenses tornam as disputas mais acirradas. Um dos fatores também referentes à formação amazônica é a descoberta de ouro na região, fator que ocasionou um grande fluxo migratório que por sua vez resultou na criação de novas vilas e aumentou a atividade extrativista.

É em decorrência dessas invasões e disputas, que Portugal inicia no século XVIII a construção de fortins, fortes, fortalezas, aldeamentos, povoados e vilas em vários pontos do que é o Amapá hoje (NUNES FILHO, 2009, p. 218). Para que se pudesse iniciar esse processo de povoação e fortificações em terras amapaenses foi necessário homens para mão-de-obra e para ocupação do espaço. Foi assim que o Governador Mendonça Furtado trouxe para região algumas famílias (colonos) das ilhas de Açores, com o objetivo de iniciar uma pequena povoação e construir barracos para servirem de alojamento aos soldados que resguardavam o local.

Morais e Moraes (2005) afirmam que muitos desses colonos eram degradados de Portugal como prostitutas, presos políticos, negros africanos (oriundos da Bahia e do Rio de Janeiro), além dos índios que habitavam a região. Vale ressaltar que no caso dos negros africanos, Mendonça Furtado foi levado a criar, devido à importância de garantir a segurança e efetivação da posse de terras, a vila do Mazagão e vila vistosa Madre de Deus.

Passado o período colonial, outro fator que impulsionou o reconhecimento do Amapá, foi a sua legitimação enquanto território federal:

Apenas em 1943 aconteceu uma mudança político-administrativa importante: o Decreto Federal 5. 812, de 13 de setembro, criou o Território Federal do Amapá, desmembrando-o do Pará. O novo território compreendia todas as terras adquiridas pelo Brasil (como consequência da arbitragem de 1901) mais uma porção quase tão grande de terras situadas a sul do rio Araguari, a leste do rio Jarí e ao norte do estuário do rio Amazonas. (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p. 65-66)

Com o passar dos anos, o Amapá passa por outra transformação em 1988 quando por meio da Constituição brasileira, promulgada naquela época, é elevado à condição de estado. Segundo Andrade (2005), essa transformação do então território em estado, efetivado a partir de 1988, possibilitou que novas oportunidades de trabalho fossem ofertadas, principalmente na construção civil, o que influenciou o contingente populacional no estado. O autor ainda destaca que em 1990 a dinâmica migratória veio se consolidando de forma expressiva, pois o estado recebeu cerca de 42.000 pessoas de outras unidades da federação, sendo que 72, 58%

(31.009) vieram do estado do Pará e 13,98% (5.973) do Maranhão. Ressaltando que no mesmo período, devido ao incentivo do governo amapaense aos agricultores já instalados, centenas de famílias oriundas de outros estados, chegaram ao Amapá, aumentando o fluxo migratório. Esse grande fluxo ocorreu por diversos fatores, bem como:

[...] instalação da ICOME (Indústria e Comércio de Minérios S/A), projeto Jarí, à exploração de ouro nos municípios de Calçoene, Tartarugalzinho, Amapá e Oiapoque, à criação da ALCMS (Área de Livre Comércio Macapá e Santana) e às ações do governo federal, que impulsionaram obras de infraestrutura social e econômica. (ANDRADE, 2005, p. 94)

Percebe-se, diante da história, que a formação da sociedade amapaense foi construída gradativamente. Ocorreram migrações de vários tipos étnicos, como as de origem indígena, africana, inglesa, holandesa, francesa, portuguesa, e os brasileiros advindos de diversas regiões, principalmente, do nordeste e do estado do Pará. Isso resultou numa mistura de hábitos, costumes, tradições, formas de organização, de interação com o meio ambiente e com o outro.

3 ANTROPOLINGUÍSTICA, DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

3.1 ANTROPOLINGUÍSTICA

Com base nos novos paradigmas contemporâneos, observamos a inter-relação de áreas do conhecimento com o intuito de fazer com que a ciência atinja os anseios da sociedade. A questão interdisciplinar sempre esteve em voga, até mesmo para o surgimento de novas ciências. Sua definição, segundo Fiorin (2008), pressupõe, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e de metodologia e, de outro, a intersecção de áreas.

Como exemplo de interdisciplinaridade, temos a antropologia estrutural. Esta importa da linguística, um modelo de cientificidade. Toma métodos e noções da linguística, considerada então ciência piloto das ciências humanas. Antes de Lévi-Strauss (1958), a antropologia estava ligada às ciências da natureza e comprometida com a noção de determinismo biológico.

Nessa intersecção epistemológica, temos a chamada antropolinguística, que para Fiorin (2008) é a área de estudo que estabelece uma correlação entre língua e cultura. Se para a sociolinguística o que interessa são os grupos sociais, para a antropolinguística o ponto chave são os fatores culturais, investigando a língua em seu contexto cultural.

Interessa à antropolinguística a questão da língua em relação ao sagrado (por exemplo, línguas cultuais), as teorias populares e os mitos a respeito da linguagem, os tabus e as fórmulas mágicas e encantatórias, a visão das relações entre a palavra e a coisa, as taxionomias, os sistemas de percepção e de categorização do mundo. (FIORIN, 2008, p. 45).

Assim como a linguística contribuiu para o aprimoramento do método da antropologia, várias ciências também se dispuseram a dialogar com outras áreas; a citar a geografia e a linguística que deram origem ao método geolinguístico da dialetologia.

3. 2 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

Para Ferreira e Cardoso (1994), a dialetologia é tratada como uma ciência que surgiu nos fins do século XIX, e que demonstra até os dias de hoje, um maior interesse pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação. Já para definição de geolinguística, Cardoso (2010) trata com um método da dialetologia para localizar espacialmente as variações das línguas umas em relação às outras, podendo situar socioculturalmente cada um dos falantes considerados.

No que tange ao contexto de surgimento da dialetologia enquanto ciência e/ou campo de estudo, Cardoso (2010) aponta que somente no final do século XVIII os dialetos se tornaram, constantemente, objeto de estudos dos linguistas/filólogos. Assim, a autora admite que os trabalhos referentes à dialetologia passaram a ser numerosos, no entanto, é a partir do século XIX que a dialetologia começa a traçar novos rumos dentro do campo de estudos da linguagem.

No século XIX, os estudos dialetológicos, propriamente ditos, surgem em um momento da história em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada, seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, ou ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem tal comunicação entre as regiões. Muitos dos trabalhos dialetais, segundo Cardoso (2010), resultaram da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua.

3. 2. 1 Geolinguística na Europa

No que se refere à geolinguística na Europa, mencionam-se dois trabalhos preponderantes que marcam o início deste método: atlas linguísticos de Wenker e o atlas linguístico de Gilliéron.

De acordo com Pop (1950), o atlas de Wenker objetivou documentar a realidade dos usos linguísticos na Alemanha, reunindo dados de 40.736 localidades, com um total de 44.251 respostas coletadas. No entanto, Wenker não se atentou para o controle sistemático de variáveis sociais. Conforme Cardoso (2010), essa primeira tentativa de realizar um trabalho geolinguístico ressentia-se da ausência de controle de variáveis socioculturais dos informantes e reflete as dificuldades advindas de uma coleta de dados feita por correspondência, ou seja, não observadas *in loco*.

Por mais imperfeitas que tenham sido esses trabalhos, os mapas de Wenker fizeram aparecer como evidente que os dialetos locais não estavam mais próximos das formas antigas do que a língua *standard* (língua de prestígio). Os primeiros resultados só foram publicados em 1881, em Estrasburgo, constituindo o primeiro fascículo de um conjunto de seis cartas, duas fonéticas e quatro morfológicas.

Em relação ao Atlas Linguístico da França (ALF) de Gilliéron, Dubois (2006) assevera que tal atlas tinha por objetivo consolidar o estudo dos patoás galo-romanos. Gilliéron elaborou um questionário de aproximadamente 1500 frases e palavras usuais que dava o essencial dos sistemas lexicais, fonéticos, morfológicos e até mesmo sintáticos. Por meio da aplicação deste questionário deveriam surgir os arcaísmos, os neologismos, a flexão dos pronomes, as conjugações, e entre outros fenômenos.

De acordo com Dubois (2006), Jules Gilliéron, em 1887, inicia a coleta de dados para o ALF realizado com a ajuda do governo francês, de 1902 a 1910. Para execução do trabalho, Gilliéron elegeu um único inquiridor, Edmond Edmont, que para Pop (1950, p. 116), trata-se de homem “d'une forte intelligence naturelle et d'une excellente aptitude à saisir les nuances phonétiques des sons et à les transcrire avec une exactitude étonnante”³. Edmont tinha recebido uma formação fonética, e devia percorrer 630 pontos antecipadamente fixados, e então passar dois dias e interrogar um único informante, o mais apto a responder ao questionário. Os resultados eram, em seguida, transpostos por Gilliéron num mapa do país galo-romano.

³De uma forte inteligência natural e excelente capacidade de compreender as nuances fonéticas dos sons e transcrevê-los com uma precisão incrível. (Tradução nossa)

Para Cardoso (2010), a obra de Gilliéron, apesar das críticas feitas por alguns filólogos/linguistas da época, colocou à tona a discussão da complexidade do fenômeno linguístico tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica e fez do Atlas Linguístico da França o marco inicial da aplicação do método geolinguístico com rigor científico.

De acordo com Jordan (1962), a geolinguística passou a ser considerada como uma área de interesse dos estudos linguísticos, na Europa Ocidental, somente no final do século XIX e início do século XX. A partir de então, expandiu-se para outros continentes, bem como a América Latina.

3. 2. 2 Geolinguística no Brasil

No Brasil, quando se fala em dialetologia e geolinguística, é importante salientar alguns autores renomados que deram início a esses estudos. Ferreira e Cardoso (1994) destacam, em especial, os trabalhos de Antenor Nascentes (1953), Amadeu Amaral (1955), Serafim da Silva Neto (1957) e Nelson Rossi (1967). Estes foram os primeiros dialetólogos que impulsionaram novos estudos na área e principalmente na elaboração de inúmeros atlas linguísticos de maior e menor domínio. Segue abaixo a tabela 01 constando somente algumas informações, extraídas do artigo de Romano (2013), sobre os atlas linguísticos publicados, não-publicados e os em andamento.

Tabela 01: Atlas Linguísticos Brasileiros

ATLAS LINGUÍSTICOS PUBLICADOS	ATLAS LINGUÍSTICOS NÃO-PUBLICADOS	ATLAS LINGUÍSTICOS EM ANDAMENTO
Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963)	Atlas Linguístico do Paraná II (2007)	Atlas Geossociolinguístico do Pará
Esboço de uma atlas linguístico de Minas Gerais (1977)	Atlas Linguístico do Amazonas (2004)	Atlas Linguístico de Rondônia
Atlas Linguístico da Paraíba (1984)	Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (2008)	Atlas Linguístico do Rio de Grande do Norte
Atlas Linguístico de Sergipe I e II (1987/2005)	Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás (2012)	Atlas Linguístico do Mato Grosso
Atlas Linguístico do Paraná (1996)	-	Atlas Linguístico do Espírito Santo
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2002/2011)	-	Atlas Geossociolinguístico do Amapá
Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2004)	-	Atlas Linguístico do Brasil
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (2007)	-	-
Atlas Linguístico do Ceará (2010)	-	-

Atlas Linguístico do Brasil vol. I e II (2014)	-	-
---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos atlas linguísticos já publicados, não-publicados e aqueles que ainda estão em andamento, torna-se imprescindível não referenciar a um dos maiores projetos firmados no Brasil, e que segundo Callou (2010), foi um projeto cogitado há mais de 50 anos, no entanto, colocado em prática a partir de 1996. Trata-se do projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

O ALiB é um dos projetos macros de dialetologia e geolinguística. O momento mais importante e que deu impulso para a construção do ALiB, segundo Aguilera e Altino (2012), foi o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* realizado na Universidade Federal da Bahia em 1996. Conforme Aguilera e Altino (2012), esse espaço foi favorável à construção do projeto, pois reuniu pesquisadores no campo da dialetologia e da sociolinguística, contando com a presença dos autores de atlas linguísticos já publicados, até àquela época.

4 CULTURA, DIVERSIDADE E LÉXICO

4.1 CONCEITO DE CULTURA

Conforme Laraia (2009), o primeiro conceito etnográfico de cultura surgiu com Tylor (1871), que entendia como um todo complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Para Max Weber (1992), o homem é considerado um animal que vive preso a uma teia de significados por ele mesmo criada. Partindo disso, Schneider (1968) assume a posição de que cultura é um sistema de símbolos e significados, o que fez com que Geertz (1973) chegasse a concluir que essa tal teia e a análise da mesma seja o que conhecemos por cultura.

Segundo Geertz (1973), a cultura nunca será particular ou individual, mas nasce a partir do coletivo. Trata-se de um sistema de signos interpretáveis, um contexto do qual os símbolos podem ser descritos de forma inteligível.

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando,

como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1973, p. 15).

Por meio do conceito de cultura aqui exposto, restringimo-nos a seguir ao estudo das culturas existentes em nossa sociedade, neste caso, cita-se a brasileira, tendo em vista, a grande diversidade cultural que está difundida por esse imenso Brasil.

4. 2 DIVERSIDADE CULTURAL NO BRASIL

A diversidade cultural no Brasil, segundo Laraia (2009), é resultado do conjunto da desigualdade de estágios existentes no processo de desenvolvimento político, econômico e social no Brasil. Assim, levando-nos a acreditar na não existência de uma única cultura, e sim em culturas que se espalham por todo o Brasil.

A singularidade dos brasileiros em relação aos portugueses decorre das qualidades diferenciadoras oriundas de suas matrizes indígenas e africanas; seja pela proporção particular em que elas se congregam no Brasil; seja pelas condições ambientais que enfrentaram aqui e ainda, da natureza dos objetos de produção que as engajou e reuniu (RIBEIRO, 2002, p. 20).

Assim, foi-se projetando historicamente diversas identidades culturais dispersas por todo o Brasil, o que Ribeiro (2002) atesta como modos rústicos de ser dos brasileiros, como sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros, etc.

Para Ribeiro (2002) todas essas identidades estão bastantes marcados pelo que têm em comum como brasileiros, do que pelas diferenças, devidas às adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação (que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população).

4. 2. 1 Inventário Nacional da Diversidade Linguística

Partindo dessa diversidade cultural brasileira, e entendendo o pressuposto de que se somos diversos culturalmente, somos diversos linguisticamente. A partir disso, buscamos compreender a dimensão linguística falada no Brasil, apresentando brevemente um dos

projetos políticos de valorização e promoção da diversidade linguística brasileira, conhecido como o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL (BRASIL, 2014).

Este projeto foi instituído com o decreto nº 7.387/2010 que criou as condições para a elaboração de uma política específica para as línguas faladas no Brasil. Essa política tem como principal objetivo a valorização e a promoção da diversidade linguística brasileira que, além do português e de suas variedades, compreende atualmente por volta de 250 línguas, somando-se as indígenas, de imigração, crioulas, de sinais, etc.

De acordo com Brasil (2014), a produção de conhecimento e a documentação das línguas são elementos fundamentais dessa política, pois parte considerável da diversidade linguística no Brasil não foi suficientemente estudada. Muitas das línguas existentes correm risco de desaparecimento, motivo pelo qual é estratégica a realização de pesquisas que permitam não só gerar acervos sobre elas, mas também produzir diagnósticos para subsidiar a implantação de ações de fortalecimento e salvaguarda dessa diversidade.

Entre as ações de valorização previstas no INDL encontra-se o reconhecimento da importância das línguas como elemento de transmissão da cultura e como referência identitária para os diversos grupos sociais que vivem no país. A importância das línguas para a vida das pessoas e grupos, para a sua história e a sua memória é reconhecido por meio do título de “Referência Cultural Brasileira”, emitido para cada língua incluída no Inventário Nacional da Diversidade Linguística. (BRASIL, 2014, p. 10).

4. 3 ESTUDO DO LÉXICO COMO TRAÇO CULTURAL

O Brasil, por ser um país de território vasto, com uma história interna demarcada por muitos processos migratórios, que culminaram na diversidade cultural e linguística, constitui um campo de experimentação importante para a documentação de sua diversidade linguística.

De acordo com Melo (1981), um dos elementos mais importantes de uma cultura é a língua. Para ele, existe uma estreita relação entre o destino das línguas e o destino das culturas. A desagregação e desaparecimento de uma língua para a formação de outras novas é a desintegração e eclipse de uma cultura. O autor ainda segue afirmando que a língua é o reflexo mais direto, “é o termômetro mais sensível da vitalidade e das oscilações de uma cultura” (MELO, 1981, p. 35).

De forma histórica, o português falado no Brasil, sem dúvida alguma, sofreu fortes influências das línguas indígenas, africanas e das variedades do português. Sobre esta

assertiva, Biderman (1992) afirma que o português brasileiro é uma variante linguística do português trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses nos séculos XVI, XVII e XVIII, principalmente. Essa língua foi se miscigenando com as línguas indígenas nativas da terra, especialmente o tupi-guarani, e com vários idiomas africanos para cá trazidos por milhões de escravos africanos, importados durante os vários séculos da colonização até a proibição do tráfico negreiro em 1831.

Sabendo dessa formação histórica, social e cultural da língua, passemos a refletir um pouco mais sobre o léxico de uma língua. Para Biderman (2001), o léxico de uma língua natural constitui como uma forma de registrar o conhecimento do universo.

[...] ao dar nomes ao seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira do percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhança e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN, 2001, p. 13).

As particularidades lexicais do português brasileiro têm chamado atenção de muitos pesquisadores que se interessam pelo tema. Isquierdo (2006) afirma, de forma crítica, que muitos trabalhos que compilam dados lexicais e os registram sob a forma de vocabulários, em sua maioria, de cunho regional, são produzidos, tanto por especialistas quanto por leigos, e nem sempre são pautados por critérios científicos.

Para Razky (2013), o léxico tem sido estudado por intermédio de várias perspectivas. Há, de um lado, pesquisas que se voltam para o estudo da história do léxico, descrevendo-o e analisando-o com base numa abordagem diacrônica. De outro, existem aquelas que, por meio da pesquisa de campo, registram o falar de determinadas comunidades linguísticas, num plano sincrônico, ou que fazem, ainda, um estudo léxico-comparativo entre o estado atual da fala e dos documentos escritos em épocas anteriores. Os estudos acerca do léxico são heterogêneos, abrangendo diversas áreas, como a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia, a Socioterminologia, Antropologia, e entre outras.

O interessante de se notar em relação ao léxico, é conseguir concebê-lo como testemunha da cultura. Biderman (1992) entende o léxico com um tesouro vocabular de uma língua natural, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico, além do universo cultural do presente e do passado da sociedade. Esse tesouro constitui um patrimônio da sociedade juntamente com outros

símbolos da herança cultural. Neste sentido, o tesouro lexical é formado por palavras, ou seja, símbolos verbais da cultura.

Em suma, Biderman (1992) acredita que o repertório lexical perpetua a herança cultural através dos signos verbais, pois em um vocabulário estão sintetizados a vida, os valores e as crenças de uma comunidade social.

5 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido, estritamente, sob o método geolinguístico, tomando como embasamento teórico discussões no âmbito antropológico. Deste modo, mostra-se a seguir os procedimentos metodológicos adotados para elaboração de um inventário lexical que reflita a cultura amapaense por meio dos dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá.

Inicialmente, será abordado o projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP, seguido da rede de pontos, perfil dos informantes, questionários e delimitação do *corpus*.

5.1 PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ – ALAP

O projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP, atualmente, se encontra sob a coordenação dos professores Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará (UFPA), e Celeste Ribeiro, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Conforme Sanches e Ribeiro (2013), o projeto ALAP têm como principais objetivos a descrição e mapeamento do português brasileiro falado em 10 localidades do estado do Amapá. Procurando evidenciar as variedades linguísticas de aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais, característicos de cada localidade.

Para o desenvolvimento do projeto foram seguidos os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia pluridimensional e da geolinguística. O ALAP ainda se encontra em fase final, pois até o momento já foram concretizadas as seguintes etapas:

a) *1ª Etapa (concluída)*: realizou-se a formação e treinamento de um grupo de pesquisadores, incluindo estudantes de graduação e professores, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e outras instituições;

b) *2ª Etapa (concluída)*: concentrada na realização da pesquisa *in loco* (aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical), com a localização de 44 informantes distribuídos em 10 pontos de inquéritos;

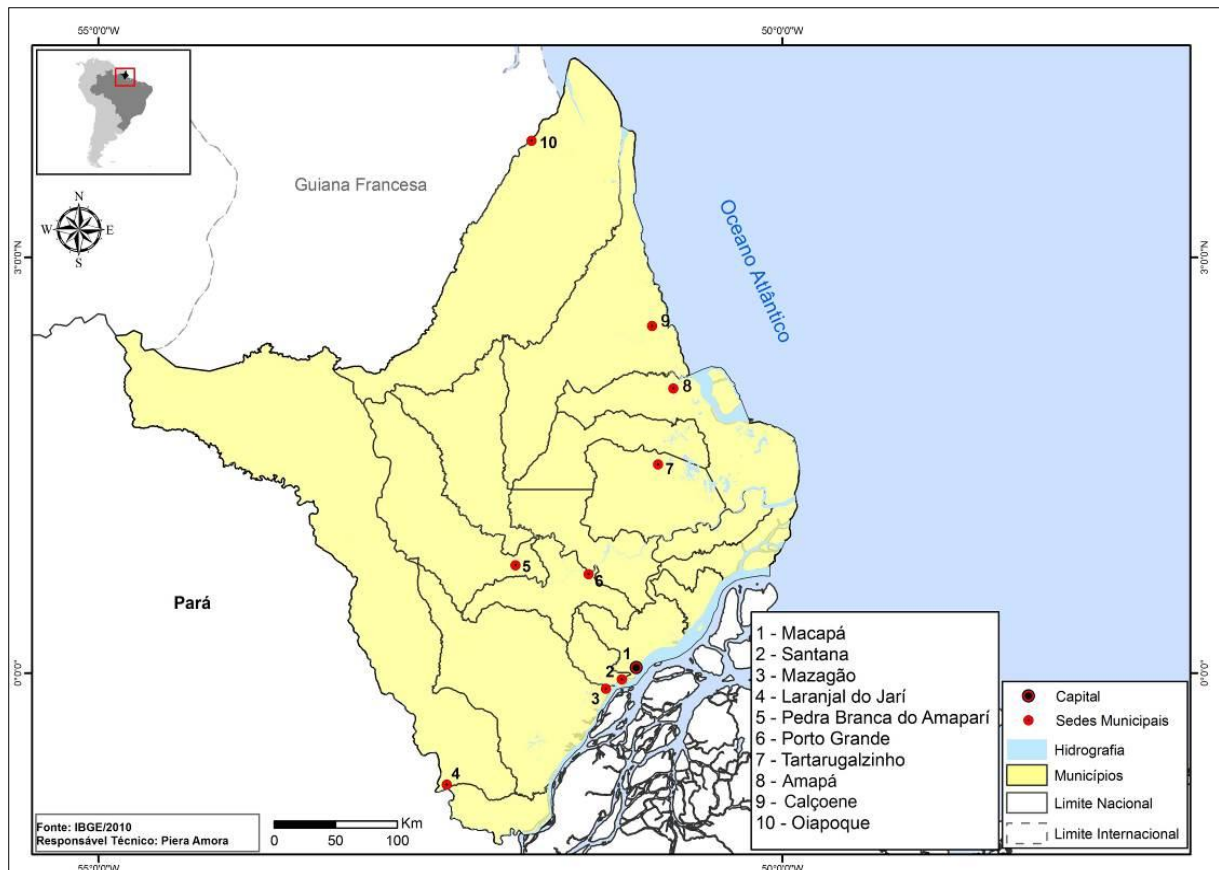
c) *3ª Etapa (em andamento)*: realização das transcrições fonéticas referentes às entrevistas gravadas, revisão das mesmas e mapeamento dos dados registrados, tendo em vista a sistematização, organização e publicação dos resultados em um atlas linguístico.

5. 1. 1 Rede de Pontos

Apesar de o Amapá possuir 16 municípios, a seleção da rede de pontos seguiu a tradição da dialetologia. Foram selecionados somente 10 municípios do estado do Amapá, de acordo com sua densidade demográfica, populacional e de critérios históricos (tempo de origem), econômicos e socioculturais.

Os pontos fixados foram: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amaparí, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Vale lembrar que devido à dificuldade de encontrar informantes com o perfil exigido e o tempo de origem de alguns municípios, não foram contemplados: Serra do Navio, Ferreira Gomes, Pracuúba, Itaubal, Vitória do Jarí e Cutias.

Abaixo segue a figura 01 mostrando todos os pontos fixados, de acordo com sua localização geográfica exata.

Figura 01 – Rede de Pontos do ALAP

Fonte: Mapa elaborado por Piera Amora (NAEA/UFPA).

5. 1. 2 Perfil dos sujeitos pesquisados

Foram selecionados 40 informantes residentes nos respectivos pontos fixados. Para cada localidade foram entrevistados 4 informantes, com o seguinte perfil: 1 homem e 1 mulher de 18 a 30 anos, com ensino fundamental incompleto; e 1 homem e 1 mulher de 50 a 75 anos com ensino fundamental incompleto. Os informantes se dividem em dois grupos: sexo (homens e mulheres) e idade (os de primeira faixa etária (18-30) e os de segunda faixa etária (50-75)). Também fazem parte os seguintes critérios para seleção do informante: a) ter nascido no município; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter morado em outro estado ou região por mais de 6 meses; d) ter nível de instrução escolar variando de analfabeto ao ensino fundamental completo; e) possuir boas condições de saúde e de fonação; e f) ter disponibilidade para entrevista.

5. 1. 3 Questionário

Para recolha dos dados do projeto ALAP, utilizaram-se dois tipos de questionários, o fonético-fonológico com 159 questões e o semântico-lexical com 202. Tais questionários foram elaborados pelo comitê do projeto ALiB (COMITÊ, 2001). Assim, para a realização desta pesquisa utilizamos somente os dados referentes ao questionário semântico-lexical que estão distribuídos em 14 campos semânticos: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; convívio e comportamento social; religião e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios; e vida urbana.

5. 1. 4 Delimitação do *corpus*

Como já explicitado no início do trabalho, para elaboração do inventário delimitamos 88 itens lexicais que configuram traços culturais do povo amapaense. Ressaltamos para o inventário, não consideramos as variáveis sociais destacadas nos perfis dos informantes (idade, sexo e escolaridade), tendo em vista que a intenção é focalizar o uso linguístico feito por cidadãos amapaenses que caracterizam saberes da cultura local, independente da idade, sexo ou escolaridade do informante. Assim, elaboramos uma tabela com a distribuição dos itens selecionados por campos semânticos.

Tabela 02 – Seleção dos itens lexicais por campos semânticos

CAMPOS SEMÂNTICOS	ITENS LEXICAIS
Alimentação e cozinha	<i>birita; bazuca; afrontado; farteado; empachado; ansiado; danado; esfomeado; tô até o tucupi; picadinho; manguzá.</i>
Convívio e comportamento social	<i>velhaco; aru; besta; rude; babilônia; mulher da vida; mulher solteira; ploque; bagana; cortiça; pituca; ponta de borracha; beberrão; papudinho; bocudo; enjoado; chêra; porronca; jarãna; mão de neném, unha de fome; muquirana; travoso; rocha.</i>
Vida urbana	<i>baiúca.</i>
Brinquedos e jogos infantis	<i>baladeira; seringa; carambela; mortal; cangula; rabiola; pira-esconde; cobra-cega; cabra-cega; zuzu; macaca.</i>
Religião e crenças	<i>visagem.</i>
Ciclos da vida	<i>bode; parir.</i>
Corpo humano	<i>caolho; zanolho; zanolho; dor no olho; treçol; fonfom; bustela; sovaco; barrão; catinga; inhaca; baldiar; perna de</i>

	<i>alicate; bolacha do joelho; cósca; carapela do olho; dente do juízo.</i>
Fauna	<i>picote; mucura; sambexuga; jacinta; tapuru; turu; carapanã; muriçoca; maruim; piim.</i>
Astros e tempo	<i>boca da noite; tresontonte.</i>
Acidentes geográficos	<i>igarapé; maresia.</i>
Fenômenos atmosféricos	<i>toró; chuvisco; sereno; neblina; casamento da raposa.</i>
Vestuário e acessórios	<i>diadema; tracadeira/traca.</i>
Atividades agropastoris	<i>mangará; tajoba.</i>

Fonte: Elaborada pelo autor.

6 INVENTÁRIO LEXICAL DA CULTURA AMAPAENSE

Nesta seção se encontra o resultado da pesquisa em forma um pequeno inventário lexical da cultura amapaense. Destacamos que este é somente um esboço, já que serão apresentados resultados preliminares do português falado no Amapá. Neste sentido, segue abaixo 88 itens lexicais que mostram a diversidade cultural através da língua. Estes são apresentados por ordem alfabética, seguido da forma lexical e seu significado ou representação cultural.

A

Afrontado - *adj.* Pessoa que come demais, chegando às vezes a passar mal. *Ex.:* Comi tanto que estou *afrontado*.

Ansiado (*a*) - *adj.* O mesmo que *afrontado*, cheio.

Arú (*Arô*) - *adj.* Pessoa pouco inteligente.

B

Babilônia - *adj.* Aquela que exerce a prostituição.

Bagana - *s. f.* Toco de cigarro que se joga fora.

Baiúca - *s. f.* Local pequeno onde se compram bebidas e alimentos.

Baladeira - *s. f.* Brinquedo no formato de uma forquilha que os meninos usam para matar passarinho e insetos.

Baldiar - *v.* o mesmo que *vomitar*.

Barrão - *s.m.* Mau cheiro que dá debaixo do braço.

Bazuca - *s. f.* Goma de mastigar.

Beberrão - *adj.* Pessoa alcoólica, que bebe demais.

Besta - *adj.* Pessoa pouco inteligente.

Birita - *s. f.* o mesmo que cachaça.

Boca-da-noite - *s. f.* O nome dado para o final da tarde e início da noite.

Bocado - *adj.* Pessoa que fala demais.

Bode - *s. m.* Nome dado para menstruação da mulher.

Bolacha-do-joelho – *s. f.* O mesmo que rótula do joelho.

Bustela – *s. f.* Mucosa de espessura sólida que dá dentro do nariz.

C

Cângula – *s. f.* Pipa feita de plástico e varetas.

Carambela – *s. f.* Brincadeira que a criança gira o corpo sobre a cabeça e cai sentada.

Carapanã – *s. m.* Mosquito.

Carapela-do-olho – *s. f.* Nome dado para aquela pele que recobre o olho.

Caolho – *adj.* Cego de um olho.

Casamento-da-raposa – *s.m.* Quando há sol e chuva juntos. Ou quando a chuva termina e sol começa a aparecer.

Catinga – *s.f.* Mau cheiro debaixo dos braços.

Chêra – *s. 2 g.* Pessoa que tem o mesmo nome da gente.

Chuvisco – *s. m.* Chuva bem fininha.

Cortiça – *s.f.* Resto do cigarro que se joga fora.

Cósca – *s.f.* O mesmo que cócegas.

Curica – *s.f.* Pipa feita de plástico sem varetas que se empina com linha.

D

Danado – *adj.* Pessoa que come demais.

Dente-do-juízo – *s. m.* Mesmo que o dento do siso.

Diadema – *s. m.* O mesmo que tiara. Objeto se utiliza na cabeça para prender os cabelos.

Dor-de-olho – *s. f.* Inflamação avermelhada nos olhos.

E

Empachado – *adj.* Mal-estar que dá na pessoa quando come demais.

Enjoado – *adj.* Pessoa que fala demais.

F

Fonfom – *adj.* Nome dado para pessoa que é fanhosa.

I

Igarapé – *s. m.* Rio pequeno de uns dois metros de largura.

Inhaca – *s. m.* Mau cheiro que dá debaixo *dos braços*.

J

Jacinta – *s. f.* O mesmo que libélula.

Jarãna – *adj.* Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro.

M

Macaca – *s. f.* Brincadeira em que se desenham quadrados no chão e a criança vai pulando de um pé só. O mesmo que amarelinha.

Mangará – *s. m.* Ponta terminal da inflorescência da bananeira.

Mão-de-neném – *adj.* Pessoa avarenta.

Maresia – *s. f.* Onda do rio.

Maruim – *s. m.* Inseto de porte pequeno com 1 a 2mm de comprimento.

Manguzá – *s. m.* Mingau feito de grãos de milho. Conhecido também como mingau de milho branco.

Mortal – *s. m.* Brincadeira em que a criança gira o corpo sobre a cabeça e cai sentado.

Mucura – *s. f.* Animal que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado. O mesmo que gambá.

Mulher da vida – *adj.* A mulher que se prostitui.

Mulher solteira – *adj.* A mulher que se prostitui.

Muquirana – *adj.* Pessoa avarenta.

Muriçoca – *s. f.* O mesmo que pernilongo, mosquito.

N

Neve – *s. f.* O mesmo que neblina.

P

Papudinho – *adj.* O mesmo que cachaceiro.

Parir – *v.* Dar a luz a um bebê.

Cabra-cega – *s. f.* Brincadeira em que uma criança tem os olhos vendados e sai para procurar as outras.

Perna-de-alicata – *adj.* Pessoa de pernas curvas.

Picadinho – *s. m.* O mesmo que carne moída.

Picote – *s. f.* Galinha de penas pretas com pintas brancas.

Pira-esconde – *s. m.* Brincadeira em que uma criança se esconde e a outra vai procurá-la.

Pituca – *s. f.* O mesmo que toco de cigarro.

Pium – *s. m.* São mosquitinhos, quase imperceptíveis a olho nu, que possuem picadas incômodas que coçam.

Ploque – *adj.* O mesmo que prostituta.

Ponta-de-borracha – *s. f.* O mesmo que toco de cigarro.

Porronca – *s. f.* Cigarro feito manualmente.

R

Rabiola – *s. f.* Brinquedo feito de papel com varetas que se empina ao vento.

Rocha – *adj.* Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. O mesmo que mão-de-vaca.

Rude – *adj.* Pessoa pouco inteligente.

S

Sambexuga – *s. f.* O mesmo que sanguessuga.

Sereno – *s. m.* O mesmo que orvalho.

Seringa – *s. f.* O mesmo que estilingue.

Sovaco – *s. m.* O mesmo que axilas.

T

Tajoba – *s. f.* O mesmo que mandioca.

Tapuru – *s. m.* Bicho que dá em esterco, pau podre.

Tô até o tucupi – *expr.* Expressão idiomática para dizer que está cheio, que comeu demais.

Toró – *s. m.* Chuva muito forte.

Tracadeira/traca – *s. f.* O mesmo que tiara. Objeto se utiliza na cabeça para prender os cabelos.

Travoso – *adj.* Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. O mesmo que mão-de-vaca.

Tresontonte – *adv.* O dia que vem antes de anteontem.

Tressol – *s. m.* Variante fonética de terçol.

Turu - *s. m.* Bicho que dá em esterco, pau podre.

U

Unha-de-fome – *adj.* Pessoa que não gosta de gastar dinheiro. Que economiza muito.

V

Velhaco – *adj.* Pessoa que não paga suas próprias dívidas.

Visagem – *s. f.* Mesmo que assombração, fantasma.

Z

Zanolho – *adj.* Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes. O mesmo que estrábico.

Zarolho – *adj.* Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes. O mesmo que estrábico.

Zuzu – *s. m.* Brincadeira em que uma criança tem os olhos vendados e sai para procurar as outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, percebemos que os dados de um atlas linguístico possuem grandes contribuições para com outras áreas do conhecimento. A discussão entre língua e cultura, foi o ponto crucial para entender como determinados usos linguísticos podem ser concebidos como traços culturais de uma comunidade. Sabemos que é por meio da língua que *coisas* e *objetos* têm seus valores simbólicos criados. Desta forma, acredita-se que culturas vão se moldando com a dinâmica social, fazendo com que novos valores sejam criados e outros modificados.

O esboço de um inventário lexical, mostrado acima, reflete muito bem a própria formação do povo amapaense. Nossa história está marcada não só pela colonização portuguesa, mas também pelas influências indígenas e africanas, e isso é perceptível através dos usos linguísticos feitos por falantes amapaenses. Com base nos 88 itens lexicais inventariados, constatamos que 19% são de origem indígena e 2% de origem africana. Palavras como: *arú*, *curica*, *chêra*, *catinga*, *turu*, *tapuru*, *carapanã*,

igarapé, jarãna, mangará, maruim, mucura, muriçoca, pium, porronca e tajoba são registradas nos dicionários Ferreira (2010) e Houaiss (2009) como de origem tupi; e as palavras: *inhaca* e *manguzá* são registradas como de origem africana. Ressaltamos que os dados em porcentagens, aqui mencionados, podem vir a ser bem maior, tendo em vista que algumas palavras apresentadas nos dicionários, não mostram sua etimologia e outras não foram registradas ainda.

Sobre os dicionários de forma geral, estes são considerados representantes da memória coletiva da sociedade. Segunda Lara (1992), o dicionário reflete o conjunto dos usos sociais da língua, sem escapar à condição de ser um produto linguístico, ele é o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, se desligaram dos seus atores para passar a fazer parte do patrimônio cultural coletivo.

Partindo desta premissa, as palavras inventariadas neste trabalho foram investigadas em dois dicionários brasileiros, Ferreira (2010) e Houaiss (2009). Buscamos saber o número de palavras que estão registradas. Assim, constatamos que no dicionário Ferreira (2010) 47% das palavras, de nosso inventário, estão presentes no dicionário com a mesma aceção, 23% estão dicionarizadas com outra aceção e 20% não foram registradas. Em relação ao dicionário Houaiss (2009), estes dados se mantêm, com pouca diferença, pois 40% das palavras estão dicionarizadas com a mesma aceção, 29% estão dicionarizadas com outra aceção e 31% ainda não foram registradas.

Concluimos que ainda há muito por fazer, no que diz respeito às pesquisas voltadas ao registro dos usos linguísticos de expressões culturais realizadas no Amapá. Vimos que muitas palavras inventariadas não se encontram registradas ou foram registradas considerando outras aceções. Neste esboço de um inventário lexical estão registradas formas linguísticas que refletem os traços culturais dos amapaenses. Acredita-se que este trabalho servirá como documento/instrumento científico para outras pesquisas dentro do âmbito antropológico, linguístico, histórico, sociológico e demais áreas de interesse. Sobre as limitações da pesquisa, para a concretização de um inventário lexical da cultura amapaense, há a necessidade do auxílio de especialistas na área da lexicografia, o que tornou este trabalho incompleto, no entanto, sem perder seu valor científico. E espera-se que futuramente tais lacunas possam ser preenchidas.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. **Atlas Linguístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1996.
- AGUILERA, V.; ALTINO, F. **Para um atlas pluridimensional: pesquisa e pesquisadores**. São Paulo: Alfa, v. 56, p. 871-889, 2012.
- ALMEIDA, F. C. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses**. 2008. 157 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 [2002].
- ALTINO, F. C. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007. 693 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC; Secretaria de ciência e tecnologia, 1976.
- ANDRADE, R. F. **Migração no Amapá: projeção espacial num contexto de crescimento populacional**. Belém: NAEA, 2005.
- ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- AUGUSTO, V. **Atlas Semântico-Lexical de Goiás**. 2012. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BESSA, J. R. F. (org.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BIDERMAN, M. T. C. **As ciências do léxico**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.
- BIDERMAN, M. T. C. **O Léxico: testemunha de uma cultura**. In: *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Rómanias, sessão II: Lexicologia e Metalexigrafia*, vol. 1992. P. 397-405.
- BRASIL. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL**. IPHAN: Brasília, 2014.
- CALLOU, D. **Quando dialetologia e sociolinguística se encontram**. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 41, p. 33- 35, jan./jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010.
- CARDOSO, S. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2005.

- _____. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S; MOTA, J. **Percursos da geolinguística no Brasil**. ALFAL, v. 29, n. 1. jun., 2013, p. 115-142.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: UEL, 2001.
- CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.
- DRUMMOND, J. A.; PEREIRA, M. A. P. **Amapá nos tempos do manganês: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico – 1943-2000**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- DUBOIS, J. (*et al.*). **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FERREIRA, A. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2010.
- FERREIRA, C. (*et al.*). **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e interdisciplinaridade**. Alea, vol. 10. n. 1. jan-jun, 2008, p. 29-53.
- GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.
- IORDAN, I. **Introdução à Linguística Românica**. Trad. Julia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.
- ISQUERDO, A. N. **Lexicografia e Geolinguística: interfaces**. In: MARTINS, Evandro (org.). **Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 113-133.
- LARA, L. F. **Sociolinguística del Diccionario del Español de México**. International Journal of the Sociology of Language, n. 96, 1992, p. 19-34.
- LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 1958.
- MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MORAIS, J. D.; MORAIS, P. D. **O Amapá em perspectiva: uma abordagem histórico-geográfica**. Macapá: Gráfica J.M, 2005.

- MOTA, J.; CARDOSO, S. **Sobre a Dialectologia no Brasil**. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.
- NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NUNES FILHO, E. **Formação histórica, econômica, social, política e cultural do Amapá**: descrição e análise do processo de formação histórica do Amapá. OLIVEIRA, Augusto; RODRIGUES, Randolfe (org). In: Amazônia, Amapá: escritos de História. 1. Belém: Paka-Tatu, 2009.
- OLIVEIRA, D. (org.). **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- POP, S. **La dialectologie**: aperçue historique et méthodes d'enquêtes linguistiques. Louvain: Chez l'auteur, 1950.
- RAZKY, A. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).
- _____. **A dimensão sociodialetoal do léxico no projeto Atlas Linguístico do Brasil**. *SIGNUM*: Estud. Ling., Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.
- RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ROMANO, V. **Balanco crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão**. Entretextos. Londrina, v.13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.
- ROSSI, N. (*et al.*). **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.
- ROSSI, N. **A dialectologia**. ALFA, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.
- SANCHES, R.; RIBEIRO, C. **Atlas Linguístico do Amapá**: estudos dialetais e métodos de pesquisa. Entrepalavras. ano 3. v.3, n.1, jan/jul. 2013, p 276-286.
- SCHNEIDER, D. **American kinship**: a cultural account. New Jersey: Prentice Hall, 1968.
- SILVA NETO, S. **Guia para estudos dialectológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- TYLOR, E. **Primitive culture**. Londres: John Mursey, 1871.
- WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais**. Campinas, UNICAMP, 1992
- ZÁGARI, M. (*et al.*). **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

IBGE - Estado do Amapá. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap#>>. Acesso em: 10 de abr. 2015.

APÊNDICE A

Tabela 03 – Dicionarização dos itens lexicais inventariados

Dicionário Aurélio (2010)				Dicionário Houaiss (2009)			
ITEM	DMA	DOA	ND	ITEM	DMA	DOA	ND
afrontado	x			afrontado	x		
ansiado		x		ansiado		x	
arú (arô)		x		arú (arô)		x	
abilônia		x		abilônia		x	
bagana	x			bagana	x		
baladeira	x			baladeira	x		
baldiar	x			baldear	x		
barrão		x		barrão		x	
bazuca		x		bazuca		x	
beberrão	x			beberrão	x		
besta		x		besta		x	
birita	x			birita	x		
boca-da-noite			x	boca-da-noite			x
bocado		x		bocado		x	
bode		x		bode		x	
bolacha-do-joelho			x	bolacha-do-joelho			x
bustela		x		bustela		x	
cângula			x	cângula			x
carambela			x	carambela			x
carapanã	x			carapanã	x		
carapela-do-olho		x		carapela-do-olho			x
caolho	x			caolho	x		
casamento-da-raposa	x			casamento-da-raposa			x
catinga	x			catinga		x	
chêra	x			chêra			x
chuvisco	x			chuvisco	x		
cortiça		x		cortiça		x	
cosca	x			cósca	x		
curica		x		curica	x		
danado		x		danado		x	
dente-do-juízo			x	dente-do-juízo			x
diadema	x			diadema	x		
dor-de-olho	x			dor-de-olho	x		
inhaca	x			inhaca	x		
enjoado		x		enjoado		x	
empachado	x			empachado	x		
fonfom		x		fonfom		x	
igarapé	x			igarapé	x		
jacinta	x			jacinta		x	
jarãna		x		jarãna		x	
macaca		x		macaca		x	
mangará	x			mangará	x		
mão-de-neném			x	mão-de-neném			x
maresia		x		maresia	x		
maruim	x			maruim	x		
manguzá			x	manguzá	x		
mortal		x		mortal		x	
mucura	x			mucura	x		
mulher da vida	x			mulher da vida			x
mulher solteira	x			mulher solteira			x
muquirana	x			muquirana		x	

muriçoca	x			muriçoca	x		
neve		x		neve		x	
papudinho		x		papudinho		x	
cobra-cega/cabra-cega	x			cobra-cega		x	
perna-de-alicate			x	perna-de-alicate			x
picadinho	x			picadinho	x		
picote			x	picote			x
pira-esconde			x	pira-esconde			x
pituca			x	pituca			x
pium		x		pium		x	
plaque			x	plaque			x
ponta-de-borracha			x	ponta-de-borracha			x
porronca			x	porronca			x
rabiola	x			rabiola	x		
rocha		x		rocha		x	
rude	x			rude	x		
sambexuga	x			sambexuga	x		
sereno		x		sereno		x	
seringa		x		seringa		x	
sovaco	x			sovaco	x		
tajoba			x	tajoba			x
tapuru	x			tapuru	x		
tô até o tucupi			x	tô até o tucupi			x
toró	x			toró	x		
tracadeira/traca			x	tracadeira/traca			x
travoso		x		travoso		x	
tresontonte			x	tresontonte			x
tressol.			x	tressol			x
turu	x			turu	x		
Unha de fome	x			unha-de-fome			x
velhaco	x			velhaco	x		
visagem	x			visagem	x		
zanolho	x			zanolho	x		
zarolho	x			zarolho	x		
zuzu			x	zuzu			x
Total	40	26	20	Total	34	27	25

Fonte: Elaborada pelo autor.

DMA – Dicionarizado com a Mesma Acepção

DOA – Dicionarizado com Outra Acepção

ND – Não Dicionarizado